

Fórum Viseu

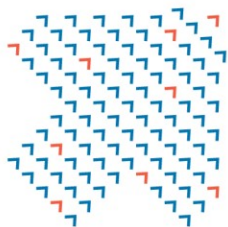
Em Viseu o país ficou a conhecer a linha de garantia mútua no valor de 100 milhões de euros para apoio à tesouraria das empresas afetadas pelos incêndios

A sessão inaugural dos Fóruns Norgarante de 2017 decorreu em Viseu, no dia 9 de novembro, na Pousada de Viseu, e foi o momento para a apresentação oficial de uma nova linha, contratualizada entre o Sistema Nacional de Garantia Mútua e os principais bancos a operar em Portugal, que se destina a apoiar a tesouraria das empresas das regiões Norte e Centro afetadas pelos incêndios de 15 de outubro, no valor de 100 milhões de euros.

A novidade foi avançada na cidade que é a “capital” de uma das regiões mais devastada pelos incêndios de junho e outubro pelo Presidente do Conselho de Administração da Norgarante, Luís Filipe Costa, durante abertura da primeira das quatro conferências que a Sociedade de Garantia Mútua vocacionada para o apoio ao tecido empresarial das regiões Norte e Centro Norte realizou no mês de novembro, sobre o tema “Empresas e territórios pela competitividade”.

A nova linha é supletiva a uma outra, de igual montante, mas a fundo perdido, criada pelo Governo no âmbito do “Sistema de Apoio à Reposição da Competitividade e Capacidades Produtivas”, que se destina unicamente a investimentos em infraestruturas e equipamentos de produção. Estoutra permitirá às empresas prejudicadas pelos fogos aceder a financiamento bancário para apoio à tesouraria e fundo de maneiio em condições particularmente propícias ao relançamento da atividade.

Luís Filipe Costa recordou a “tragédia que assolou” as regiões Norte e Centro do país, territórios que a Norgarante privilegia, “por missão estratégica”, dando nota do “aperto de coração que sentiu ao passar pelo IP3, pela dimensão da floresta ardida”, mas também por tudo o que se perdeu em vidas humanas e para a economia da região Centro. O responsável salientou, a propósito, que esta linha irá “mitigar o impacto desta tragédia no tecido empresarial, pois é nossa obrigação fazer com que as empresas viáveis não desapareçam”, facilitando, para tal, o acesso ao financiamento bancário, a principal razão de ser da Garantia Mútua. É uma medida “muito importante”, realçou, “para as



EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

tesourarias aguentarem o impacto com a redução ou paragens na produção e as dificuldades de fundo de maneiço que sempre existirão numa situação destas”.

Agência de Viseu emitiu mais de 9 mil garantias em nove anos

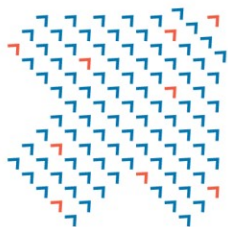
Por seu lado, a Presidente da Comissão Executiva da Norgarante, Teresa Duarte, lembrou a pertinência do tema da competitividade, numa altura em que se começa a desenhar o próximo quadro comunitário de apoio e o Governo “tem em cima da mesa a reprogramação do Portugal 2020”.

Aproveitou para fazer o balanço do contributo desta Sociedade de Garantia Mútua, que este ano completou 15 anos de atividade, para a economia das regiões em que atua. Nesta década e meia, salientou Teresa Duarte, a Norgarante facilitou o acesso ao financiamento a mais de 45 mil empresas, responsáveis por cerca de 820 mil empregos, tendo, com a sua ação, permitidos investimentos superiores a 11,4 mil milhões de euros.

A agência de Viseu em particular, em nove anos de atividade, emitiu 9.283 garantias, no valor global de 403,2 milhões de euros. Deste montante, há 117,3 milhões de euros, correspondentes a cerca de 3.800 garantias que fazem parte da carteira viva sob gestão da Norgarante. Entre janeiro e setembro deste ano, esta agência fez emitir 728 garantias, cujo montante agregado atingiu os 31,1 milhões de euros.

Desde a abertura da agência de Viseu, em 2008, o sector do comércio (excluindo automóveis e motociclos) é o que mais têm beneficiado do apoio da Garantia Mútua, com 31% do total das garantias emitidas a favor de PME dos distritos de Viseu e da Guarda, na sua maioria. Seguem-se-lhe os transportes terrestres (7%); a engenharia civil, a promoção imobiliária e o comércio, manutenção e reparação automóvel (5% cada); a fabricação de produtos metálicos (4%); as indústrias têxteis e alimentares, a restauração, os minerais não-metálicos e as atividades especializadas da fileira da construção (3%).

A maior parte das entidades beneficiárias estão sedeadas no concelho de Viseu, responsável por 25% do total, mas a Norgarante viabilizou investimentos e negócios a empresas da Guarda (9% da produção da agência), Mangualde, Tondela, Seia, Lamego, Vouzela, Santa Comba Dão, Carregal do Sal e Nelas.



EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

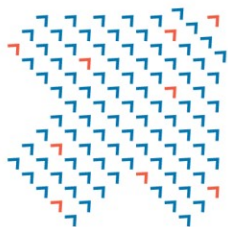
Mais de uma centena de participantes na Pousada de Viseu

No primeiro fórum de 2017, a Sociedade de Garantia Mútua recebeu mais de uma centena de empresários e gestores de micro, pequenas e médias empresas dos distritos de Viseu e da Guarda, maioritariamente, na Pousada de Viseu. Os participantes puderam ouvir o Key Note Speaker, Jorge Brandão, vogal da direção da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro – CCDR C, fazer um “ponto de situação” da execução do CENTRO 2020 - Programa Operacional Regional do Centro 2014-2020 e assistir a um debate sobre a competitividade das empresas e das regiões do interior, moderado pelo jornalista Paulo Ferreira, em que tiveram intervenção Nuno Marques, vice-presidente do Conselho de Administração e CEO do grupo Visabeira, João Guedes, sócio-gerente da empresa de metalomecânica Insercol, de Moimenta da Beira, o empresário e docente universitário Arlindo Cunha, presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Dão, e o quadro bancário Rui Fernando Teixeira, em representação da Associação Portuguesa de Bancos.

Jorge Brandão, Vogal da Direção da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro – CCDR-C frisou que esta comissão está atuante no lançamento “no terreno dos apoios às empresas que foram afetadas pelos incêndios de junho e outubro” e adiantou que além dos apoios pensados para ajudar na recuperação da atividade das empresas, está a ser estudado a abertura de um sistema de incentivos a projetos de empreendedorismo “para atrair novos investimentos para estes territórios”. Está igualmente previsto para as empresas da região com projetos aprovados no Portugal2020 e no QREN “uma flexibilidade adicional de prazos para as metas a que se propuseram”, antes desta tragédia.

Segundo Jorge Brandão, é “essencial que o tecido empresarial da região Centro seja forte, ativo, dinâmico e empreendedor”, por isso, no caso do Centro 2020, 60% da dotação dos fundos europeus estão alocados a programas de apoio a micro e pequenas e médias empresas. São cerca de 800 milhões de euros que estão afetos a questões ligadas com a “competitividade da nossa região”, referiu.

O responsável alertou, ainda, que, por norma, são os territórios mais dinâmicos que conseguem ter acesso a mais fundos comunitários “e isto cria uma décalage entre as regiões mais dinâmicas e as menos dinâmicas”.



EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

Nos casos do Centro 2020 e Compete, foram atribuídos à região fundos europeus no valor total de 2,1 mil milhões de euros, que estão a ser utilizados para apoiar projetos de investigação e desenvolvimento empresarial, inovação, qualificação e internacionalização das PME.

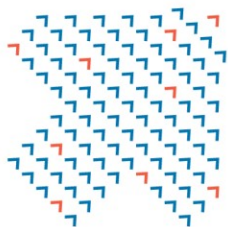
Centro precisa de mais infraestruturas e de diversificar a sua economia

No início do debate o jornalista Paulo Ferreira questionou os intervenientes sobre o impacto do novo ciclo de crescimento que se regista em Portugal na atividade empresarial da região Centro.

Nuno Marques, vice-presidente do Conselho de Administração e CEO do grupo Visabeira, defendeu que no caso do grupo que administra a melhoria dos indicadores económicos está a servir para confirmar as opções de investimento que fizeram. O grupo que atua em diversos setores de atividade tem registado crescimentos nas áreas do turismo e telecomunicações, sobretudo, referiu Nuno Marques. O responsável explicou que no caso do grupo Visabeira existiu uma aposta firme na “inovação” e na “internacionalização”, salientando que nos últimos 10 anos o crescimento na Europa foi relevante. Atualmente a Visabeira tem um volume de negócios de 650 milhões de euros e deste valor 62% é faturado no mercado externo.

Também João Guedes, sócio-gerente da empresa de metalomecânica Insercol, de Moimenta da Beira, defendeu a importância da inovação, relacionada com os produtos ou serviços, mas também com a procura de novos mercados no exterior. A Insercol, nos últimos 15 anos fez uma “aposta na inovação, e na criação de condições de formação contínua interna” e isso está a fazer a diferença, explicou o empresário. Atualmente, a empresa de metalomecânica, especializada em soluções de serralharia e coberturas, está a desenvolver uma nova área de negócio na área das energias alternativas, com a comercialização de painéis solares para os setores da agricultura e turismo. No exterior, a Suíça é o principal mercado da Insercol. Referindo-se aos entraves que a região Centro tem de ultrapassar para ser mais competitiva, João Guedes, lamentou a falta de acessibilidades e de transportes mais adequados às necessidades do tecido empresarial. Apesar das adversidades, João Guedes salientou que a sua empresa consegue ser competitiva e que atualmente tem uma “autonomia financeira de 50%”.

Além das infraestruturas, a região Centro precisa de reinventar e diversificar a sua economia. Na visão do empresário e docente universitário Arlindo Cunha, presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Dão, este território “sofreu durante décadas do facto de não ter concorrentes. Até ao final dos anos 80 o Dão teve o monopólio do vinho maduro”, explicou. Arlindo Cunha, que nos anos de 1990



FÓRUMS NORGARANTE '17

forunsnorgarante.pt

EMPRESAS E TERRITÓRIOS PELA COMPETITIVIDADE

Inovar > Capacitar > Internacionalizar

foi ministro das pastas da agricultura e do ambiente, defendeu “que a herança do Estado Novo na região foi pesada, porque não gerou nenhum esforço para manter a qualidade” ou inovar.

O quadro bancário Rui Fernando Teixeira, em representação da Associação Portuguesa de Bancos, referiu aos empresários e gestores presentes que a banca está atenta às necessidades de financiamento das empresas e que a expectativa é que as condições de acesso ao crédito melhorem. Rui Fernando Teixeira salientou que “a inovação é a pedra chave para o desenvolvimento empresarial”, o que é também um fator essencial para a banca tomar decisões de financiamento. Além disso, explicou que, em grande parte dos casos a banca dá mais importância às empresas que demonstram que têm “vontade de arriscar” e de investir para gerar mais oportunidades do que àquelas que têm autonomia financeira, mas que não revelam ter essa capacidade de iniciativa.

